

O fascismo de nossos tempos (1964) - Michal Kalecki

Tradução por Diego Souza Carvalho

1. Nos últimos anos, temos notado uma fervorosa atividade entre fortes grupos fascistas nos países capitalistas desenvolvidos. Os mais importantes deles são a OAS (Organização Armada Secreta) na França, os elementos neo-Nazi na Alemanha Ocidental e os *Goldwaterites* nos EUA. Todos esses grupos têm as seguintes características em comum:

- a. Diferentemente do nazismo da época da Grande Depressão dos anos 1930, eles não recorrem à demagogia social. O *goldwaterism* chega a adotar a ideologia oposta, criticando o intervencionismo estatal e proclamando o retorno ao *laissez-faire*.
- b. Eles apelam para elementos reacionários das amplas massas da população através de uma variedade de slogans racistas e chauvinistas. Para cada um dos países considerados, esses slogans podem ser facilmente condensados em uma palavra: Argélia, revanche, negros. Os grupos fascistas também proclamam a cruzada anti-comunista, aproveitando-se de um longo período de propaganda oficial.
- c. Os elementos fascistas são subsidiados pelos grupos mais reacionários das grandes corporações que, dessa forma, geralmente também promovem seus interesses particulares – a defesa de seus investimentos na Argélia, a expansão de certos ramos da indústria armamentícia, etc. Os fascistas também são apoiados por determinados grupos das forças armadas.
- d. Entretanto, a classe dominante como um todo, embora não aprecie a ideia de grupos fascistas tomarem o poder, não faz nenhum esforço para suprimi-los e se limita a repreensões por excesso de zelo.

Tentaremos examinar essas características do fascismo contemporâneo ponto a ponto a seguir e, dessa forma, colocá-los em uma perspectiva adequada.

2. Uma das funções básicas do Nazismo foi superar a relutância das grandes corporações à intervenção econômica estatal em larga escala. As grandes empresas alemãs concordaram com um desvio dos princípios do *laissez-faire*

e com um aumento radical do papel do governo na economia nacional – com a condição de que a máquina estatal se submetesse ao controle direto em sua parceria com os líderes nazistas. No entanto, o modo de produção puramente capitalista foi garantido com o aumento nos gastos do governo com armamentos, em vez de investimentos produtivos (o que significa uma certa inclinação para o capitalismo de estado).

Atualmente, a intervenção econômica estatal se tornou parte integrante do capitalismo “reformado”. Em certo sentido, o preço dessa reforma foi a Segunda Guerra Mundial e o genocídio nazista, que foram o efeito final do pesado rearmamento que inicialmente desempenhou o papel de estimular o crescimento dos negócios.

Assim, o fascismo já não é a base necessária para um sistema de intervenção estatal. Ele não pode proclamar o slogan de eliminação do desemprego em massa, porque nos países capitalistas desenvolvidos o emprego é mantido em um nível bastante alto. Pelo contrário, Barry Goldwater, ao exibir demagogia racista e da Guerra Fria, sobre a qual mais será dito a seguir, ataca não só a “interferência” do governo na economia, mas até a previdência social. É dessa maneira que o apoio dos mais reacionários grupos empresariais é pago. E esse também é o motivo pelo qual ele não tem chance de tomar o poder. (É interessante que, nas pesquisas pré-eleitorais, até mesmo nos estados do Sul, o dobro de pessoas favoreceu os Democratas em vez dos Republicanos no que diz respeito à manutenção da prosperidade).

O que todas as correntes fascistas contemporâneas têm em comum com o nazismo é a atitude anti-sindical, que novamente reflete a ligação com os grupos reacionários das grandes corporações. Isso será discutido em maior detalhe a seguir.

3. Quem compõe a base de massas do movimento fascista? Goldwater obteve 40% dos votos; e embora os Republicanos tenham sofrido uma derrota esmagadora, Goldwater alcançou um tremendo sucesso.

Em cada um dos países considerados, uma parte diferente da população cede, de acordo com condições específicas, a um slogan diferente – cada um dos quais, no entanto, é de caráter racista ou chauvinista. No caso da França, aqueles que cederam incluíam os franceses de origem argelina e aqueles na metrópole que eram antagonistas em relação aos numerosos imigrantes argelino. Na Alemanha

Ocidental, os ex-nazistas, com muitas coisas a esconder em seus passados, são os candidatos da direita; eles estão interessados em embelezar o hitlerismo, e isso se conecta de forma conveniente com a ideologia revanchista proclamada em uma forma um tanto mais branda pelo governo. Os reassentados que não organizaram seus assuntos de maneira totalmente satisfatória (definitivamente uma minoria) são outro grupo suscetível ao neonazismo. Por fim, nos EUA, os opositores ao movimento de emancipação dos negros fornecem recrutas para os grupos reacionários considerados; e isso inclui não apenas os racistas do Sul, mas todos aqueles hostis às aspirações dos negros por empregos atualmente disponíveis apenas para brancos.

Além disso, em todos os casos, as fileiras fascistas são reforçadas por fanáticos anticomunistas, que são um produto de propaganda prolongada disseminada pelos grandes veículos de comunicação.

A analogia entre a França e os EUA merece ser observada aqui: em ambos os casos, a principal força motriz do movimento fascista é a potencial emancipação das nações oprimidas, ou a descolonização no sentido amplo. A variante alemã do fascismo é diferente, mesmo que neste caso a noção de *Herrenvolk* possa ser encontrada em suas raízes.

4. Informações sobre os grupos capitalistas que apoiam as correntes fascistas são, por óbvio, muito incompletas. Na França, não há dúvidas que estes incluíam grupos que investiram pesadamente na Argélia, embora certamente não fossem os únicos simpatizantes da OAS.

Nos EUA, os interesses petrolíferos no Texas, as indústrias armamentícias do Oeste e o *Bank of America*, também muito ativo na região, são alguns dos principais grupos. Todas são empresas “jovens” e “dinâmicas”. Eles não estão particularmente preocupados com recessões, porque acreditam que não só sobreviverão a elas, como também aumentarão suas posses à custa dos “velhos” grupos capitalistas. Simultaneamente, os petroleiros do Texas temem perder os privilégios fiscais especiais que desfrutam, e as indústrias de armamentos temem um abrandamento da Guerra Fria — daí sua aversão à intervenção do governo e à doutrina da coexistência.

Deve-se notar que esses grupos capitalistas são muito menos “experientes” que os antigos governantes dos EUA que, após um período de oposição ao *New Deal*, finalmente entenderam as inadequações do capitalismo *laissez-faire*. Por

último, mas não menos importante: o poder político dos novos ricos atualmente não corresponde ao seu peso financeiro e, por isso, estão se esforçando para criar um governo no qual serão os acionistas controladores.

São eles que permeiam os agentes políticos, como Goldwater, com o espírito de resistência contra a intervenção estatal, incluindo a previdência social. Eles são os mais jovens da oligarquia capitalista e, paradoxalmente, justamente por isso, o grupo mais anacrônico. Não podem vencer, mas também não perdem, pois desempenham, juntamente aos seus lacaios, uma função definida no capitalismo contemporâneo.

Os grupos fascistas têm um outro protetor importante. São os membros “raivosos” do *establishment* militar, que adoram o jogo de se equilibrar à beira de um precipício – se não à beira de uma guerra preventiva. Eles são, de certa forma, a contraparte dos grupos de empresários “predatórios” e são frequentemente ligados entre si. É provável, no entanto, que o peso dos membros “raivosos” das forças armadas seja maior que o dos grupos “predatórios” na classe dominante.

5. Seria uma simplificação muito grosseira afirmar que apenas os “novos ricos” ou alguns outros grupos específicos do grande empresariado apoiam os movimentos fascistas. As fronteiras não são de forma alguma tão nitidamente delineadas. É muito provável que muitas empresas financiem tanto os políticos oficiais da classe dominante quanto os adeptos menos respeitáveis do fascismo. Por sua vez, este é apenas um aspecto de um fenômeno mais amplo: a maioria da classe dominante não gosta da ideia dos fascistas tomarem o poder, mas ao mesmo tempo não deseja esmagá-los. O fascismo de nossos tempos é um cão na coleira; pode ser solto a qualquer momento para alcançar objetivos definidos e, mesmo quando na coleira, serve para intimidar a oposição em potencial.

Recordemos, neste contexto, o papel da OAS na guerra da Argélia, aquela organização terrorista ilegal que tinha 'informantes' em todos os órgãos governamentais e que de maneira alguma foi perseguida pelo governo – pelo contrário, foi útil como um chicote contra os rebeldes argelinos e a oposição interna à guerra. Após a conclusão dos Acordos de Evian, a atividade da OAS naturalmente declinou, uma vez que os franceses na Argélia já estavam impotentes e os repatriados foram estabelecidos na França sob condições muito favoráveis. Mas os aderentes da OAS provavelmente sobreviveram no partido gaullista e no aparato

estatal, especialmente nas forças armadas. A ameaça desta alternativa ao atual governo tem algum impacto sobre a situação política presente: o governo pode ser entendido como mantendo um cão feroz na coleira.

Uma dualidade semelhante pode ser observada na Alemanha Ocidental. Embora o governo negue qualquer afinidade que seja com o nazismo e, mesmo que haja julgamentos de criminosos de guerra de tempos em tempos, ex-nazistas que mal foram “reeducados” ocupam importantes postos administrativos, especialmente nas forças armadas. Na propaganda de revanche, os grupos fascistas exibem, como dito acima, visões muito mais extremas que os representantes do governo, que de forma alguma acreditam ser vergonhosas. Ao mesmo tempo, o cão na coleira, que é bem comprida, torna-se útil ao extinguir qualquer vestígio de resistência à política oficial da Guerra Fria, revanche e militarismo.

Um fenômeno análogo pode ser observado nos EUA. Parece bastante certo que, depois do assassinato de John Kennedy, o governo seria capaz de desferir um golpe fatal nos extremistas de direita. Mas a forma de conduzir a investigação, conforme apresentada no relatório da Comissão Warren, mostra a tendência oposta de evitar implicar qualquer pessoa além de Oswald – que, por sua vez, foi eliminado com sucesso. É nesse estado de ilegalidade que se encontra a origem da candidatura de Goldwater. Por sua vez, essa candidatura não foi firmemente combatida dentro do Partido Republicano, pois foi diretamente controlada pelas grandes corporações. O comportamento de Eisenhower, que nunca tendeu ao extremismo de direita, é bastante significativo nesse contexto.

Goldwater está correto, ao menos no sentido que este não é o fim de sua carreira. O *Goldwaterism* é desejado pela classe dominante como um grupo de pressão contra um excessivo relaxamento das tensões internacionais e como forma de restringir o movimento negro. Goldwater existirá não só por causa do apoio dos grupos “predatórios” das grandes corporações e pelos elementos “raivosos” da máquina militar, assim como de seus seguidores racistas e reacionários, mas principalmente porque ele será salvo por aqueles a quem ele perdeu.